

40º Encontro Anual da Anpocs  
SPG29 Sexualidade e gênero: corpos e identificações em trânsito

(Des)Construindo Janaína Dutra: Notas sobre uma experiência marcada pela  
travestilidade

Juciana de Oliveira Sampaio e Sandra Maria Nascimento Sousa

Janaína Dutra nasceu na década de 1990 em Barra do Ceará, uma praia de Fortaleza (CE), por meio de um *batismo*<sup>1</sup> feito por uma desconhecida. Antes desse rito de passagem, contudo, existiu Stela Mares e Stela Rinckel, outros nomes adotados anteriormente por Janaína (Vale, 2005). Jaime César Dutra Sampaio foi o nome atribuído por seus pais ao ser designada como homem ao nascer, no dia 30 de novembro de 1960, na cidade de Canindé, interior do Estado do Ceará, cidade extremamente marcada pelo catolicismo popular. Esse último nome passou a constar na sua certidão de nascimento e nos demais documentos de identificação. Por ele, Janaína seria reconhecida nos primeiros anos de sua vida e, por toda ela, pela maioria dos familiares, alguns amigos de infância e conterrâneos. Filha de Dargenira Dutra Sampaio e Jaime Santos Sampaio, ela se inseriu na família como “o filho mais novo”, depois de quatro irmãos e de seis irmãs. Aos dezoito anos de idade, partiu para a capital do Ceará. Lá, terminou os estudos secundários e ingressou no curso de Direito da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, instituto particular de ensino superior. Formou-se em 1986. Inscreveu-se na Ordem dos Advogados do Brasil – OAB e exerceu a profissão de advogada, mantendo por um tempo um escritório de advocacia em Fortaleza. Paralelo a esse processo, ela se envolveu no movimento LGBT, ingressando no final da década de 1980 em associações de homossexuais em Fortaleza, para, na década seguinte, se envolver precisamente com o movimento de travestis e transexuais. O título de “primeira travesti advogada no Brasil” emergiu como uma junção das suas atividades jurídicas e políticas e permanece fortemente vinculado à imagem de Janaína até os dias de hoje, pois é assim reconhecida nacionalmente. Janaína morreu em 08 de fevereiro de 2004, vencida por um câncer nos pulmões.

Quais elementos ancoram a memória sobre Janaína, fazendo com que ela seja lembrada até hoje? Na discussão mais ampla realizada no trabalho levanto aqueles resgatados principalmente depois que ela morreu. Muitos deles são articulados, fazendo com que sua imagem seja solidificada. É possível condensá-los da seguinte maneira: 1) A formação acadêmica; 2) A profissão de advogada; 3) O ativismo junto ao movimento LGBT, incluindo a atuação no GRAB<sup>2</sup>, a fundação da ATRAC<sup>3</sup>, a presidência da ANTRA<sup>4</sup>; 4) O pioneirismo na advocacia, como travesti; 5) A participação em órgãos da

---

<sup>1</sup> Categoria êmica usada para demarcar a mudança do nome masculino para o feminino. É geralmente feita por outra travesti. No caso de Janaína, foi uma mulher quem fez.

<sup>2</sup> Grupo de Resistência Asa Branca: é uma ONG de Fortaleza fundado em 1989.

<sup>3</sup> Associação de Travestis do Ceará: é uma ONG de Fortaleza fundada por Janaína Dutra em 2003.

<sup>4</sup> Articulação Nacional de Travestis e Transexuais.

Administração Pública (CNCD<sup>5</sup>) e o trabalho na elaboração do Programa Brasil sem Homofobia; 6) O trabalho junto ao Ministério da Saúde, principalmente a contribuição na elaboração Campanha Travesti e Respeito; 7) A origem interiorana, nordestina e católica; 8) Os materiais fílmicos sobre ela, principalmente o documentário *Janaína Dutra: Uma dama de ferro*; 9) A morte considerada precoce e o vazio deixado, contribuindo com a formação do ícone.

Este trabalho, parte dos resultados da minha pesquisa de doutorado, tem como foco a discussão sobre a constituição de sujeitos travestis em meio à heteronormatividade, analisando processos sociais de elaboração de conhecimentos, categorizações e práticas direcionadas a encerrar a experiência desses sujeitos em suas performances de gênero, centralizando na vivência de Janaína Dutra. Guiada pelo referencial teórico dos estudos de gênero, feministas e queer reconstruo a experiência de vida dessa travesti em meio a uma análise da normalização, que interroga como se dá o estabelecimento de fronteiras da diferença. Entendendo que o padrão heteronormativo regula a vida dos sujeitos e que a ordem social é uma ordem sexual – o fundamento da ordem social contemporânea está no dualismo hetero/homo –, chamo a atenção para a constituição do gênero na organização das relações sociais e para como esses eixos de diferenciação se relacionam com outros marcadores sociais, como região, etnia, nacionalidade, religião, classe social. Com essa investigação pretendo mostrar, entre outros elementos, que os sujeitos são construções instáveis e indeterminadas, longe de serem fixas e autoevidentes.

Para tanto, analiso discursos sobre Janaína Dutra como um “ícone” do movimento de travestis brasileiro, as homenagens póstumas e textos escritos sobre ela, a fim de revelar os jogos de lembranças e esquecimentos da memória. Analiso também materiais fílmicos elaborados sobre sua biografia, como o documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro*, de Vagner de Almeida (2011), o curta-metragem em forma de manifesto político de Davi Cavalcanti e Flávio Lopes (2008) chamado *Mrs. Janaina, "Eu sou aquilo que seus olhos vêem"* e um documentário produzido por Jack de Carvalho, Elimário Marques e Vanessa Lourenço (2010) como trabalho de conclusão do curso de jornalismo da Faculdade Cearense, intitulado *Travessias / travestis e transformistas em Fortaleza*, o qual aborda um

---

<sup>5</sup> Desde 2010 chamado de *Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais* (CNCD/LGBT) é um órgão da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Foi criado em 2001 como Conselho Nacional de Combate a Discriminação até que em 2010 passou a atender demandas específicas do movimento LGBT.

pouco da trajetória ativista de Janaína. Entendo que esses materiais constroem uma linearidade de sua experiência, corroborando para reforçar a ideia de uma figura pública diferenciada e excepcional. As narrativas dos familiares de Janaína também recebem atenção, pois permitem abordar outros aspectos menos aparentes nos discursos sobre a construção da figura pública.

Na análise da experiência de vida de Janaína em meandros heteronormativos, dedico especial atenção a forma como os mecanismos sociais de intervenção e direcionamento agiram sobre ela, controlando, impondo, normatizando sua existência, exercendo influência sobre sua socialização. Para tanto, sigo a abordagem que Sueli Kofes (2001) realizou sobre Consuelo Caiado, construindo uma “narrativa de vida”, uma “intenção biográfica”, mais do que uma “história de vida” ou uma biografia, estabelecendo um nexo entre *narrativa, rememoração e recomposição do sujeito*. Estou de acordo ainda com o que Joan Scott (1999) diz, que o trabalho de narrar sobre a experiência de vida não significa revelar uma “verdade” do sujeito, mas a substituição de uma interpretação por outras. Nesse emaranhado, o pessoal e o social estão imbricados uns nos outros, expresso em narrativas inescapavelmente históricas.

Os estudos queer foram tomados como base teórica porque desconfiavam dos sujeitos tidos como estáveis, indo na contra mão dos processos sociais de classificação, de hierarquização, de normatização, bem como das teorias sociais hegemônicas. Nessa perspectiva, o sistema moderno da sexualidade, tal como abordado por Michel Foucault (1979, 1982, 1984, 1998, 2002) e Judith Butler (2003), passou a ser encarado como um conjunto de saberes e práticas que estrutura a vida institucional e cultural da atualidade. Nessa linha, busquei, também, perceber como operam discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista, mostrando artificialidades, arbitrariedades e imposições que possuem influências diretas na vida dos sujeitos.

Por hora, chamarei atenção para as narrativas construídas depois da morte de Janaína, para compreender como vem sendo construída e reforçada a imagem pública dela como ícone do movimento LGBT, a grande militante travesti advogada, o exemplo a ser seguido e exaltado. Trata-se de narrativas de homenagens, de saudosismo, de pioneirismo e de excepcionalidade, retratando grandes feitos e características que marcam uma “diferença” em relação às demais travestis. Nesses discursos que se pretendem “positivos” é possível perceber como acontecem jogos de lembranças e esquecimentos, num processo de constante (re)construção da memória. Nesse processo, esses discursos elencam e

edificam marcos na experiência de Janaína, ressaltando as instituições nas quais esteve envolvida, que encaro como “marcos institucionalizados”, principalmente o movimento LGBT (GRAB, ATRAC, ANTRA, ALGBT), o Estado (CNCD, Programa Brasil Sem Homofobia, Campanha Travesti e Respeito, Ministérios), Conselho profissional (OAB). Os produtores dessas falas são geralmente ativistas do movimento LGBT e outros conhecidos ou admiradores, já que seus familiares pouco sabem sobre as instâncias do ativismo de Janaína. Aos poucos, foi sendo construída a imagem de Janaína como representativa de um movimento social, mostrando outra possibilidade de ser travesti, mais enquadrada dentro de uma norma aceitável, politizada, cidadã, distante do circuito da abjeção. Inserindo-se nesses variados grupos, ela passou a ser um deles, a “estar dentro”, tal como propõem como modelo de ativismo e de sujeito que deve ser incluído. Os discursos assentados nesses marcos solidificam, controlam e produzem esse sujeito.

Janaína é considerada por muitos uma importante ativista do movimento LGBT nacional, especialmente do movimento de travestis e transexuais e do movimento de combate à aids, tida como um ícone, um mito<sup>6</sup>. A imagem de Janaína é atual, forte e resgatada sempre que necessário, principalmente, para conferir “dignidade” em oposição à “abjeção” na qual as travestis brasileiras estão inseridas. Os mencionados elementos da sua experiência lhe renderam muitas homenagens póstumas e narrativas que caminham no sentido de resgatar seu “exemplo”, seu “destaque”, seu “sucesso” por driblar regras do sistema heteronormativo por meio da inserção em espaços negados a pessoas que não correspondem ao modelo imposto.

## Homenagens póstumas a Janaína

Transcrevo, inicialmente, o texto *Réquiem para a travesti Janaína* escrito por Luiz Mott, publicado no jornal *O povo*, dez dias depois da morte de Janaína:

Janaína foi registrada na certidão de nascimento com o nome de Jaime César Dutra Sampaio. Cearense do município de Canindé, tornou-se Dr. Jaime ao se formar em Direito. A tendência ao travestismo, porém, foi mais forte do que as convenções sociais, e Jaime se assume travesti, passando a viver como Janaína. Foi a primeira, talvez a única vez em toda história do Brasil, que uma travesti conseguiu sua carteira e filiação junto à OAB. Em 1989 tornou-se militante dos direitos humanos dos homossexuais, ocupando a vice-presidência do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) de Fortaleza. Fundou a ATRAC, Associação de Travestis do Ceará, exerceu o cargo de

---

<sup>6</sup> Em 1997, a própria Janaína teria falado que era como “um ídolo” para as travestis: “Quando a questão é credibilidade, Dutra é enfático: “Sou como uma espécie de ídolo entre eles”. In: *Seminário cearense aborda no Recife tema tabu: advogado travesti faz defesa de homossexuais*. Jornal do Comércio, Recife, 25 de outubro de 1997. Notar que a matéria usa flexões de gênero no masculino para Janaína.

Secretária de Direitos Humanos (suplente) da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, sendo a atual Presidenta da ANTRA, Articulação Nacional de Transgêneros, e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Figura das mais destacadas dentro do movimento “trans”, costumava sempre ter à mão cópia da Lei Municipal contra a homofobia, tendo participado de inúmeros congressos, mesas redondas e seminários sobre direitos humanos, aids, travestismo. Faleceu em 8 de fevereiro de 2004, aos 43 anos, em decorrência de um câncer no pulmão. Algumas opiniões e declarações de Janaína retiradas da imprensa nacional revelam a grandeza de sua personalidade e altruísmo de seus objetivos de vida:

**A adolescência das travestis:** “Geralmente, quando ainda estão cursando o ensino fundamental, por volta dos 13 ou 14 anos, as jovens travestis começam o processo de hormonização, depois vem a siliconização, e o preconceito. A família, principalmente aqui no Nordeste, não aceita e o garoto é expulso de casa. O único meio de vida é a prostituição. Costumo comparar a travesti a uma ilha, só que ao invés de estar cercada de água por todos os lados está cercada pela violência”.

**A diferença entre as transgêneros:** “A transexual tem o espírito mais feminino e adoraria fazer uma operação de troca de sexo, enquanto a travesti vive a bissexualidade dentro da homossexualidade, ela gosta e admira o próprio pau. As transexuais buscam a heterossexualização da sua homossexualidade, enquanto as travestis, vivem a bissexualidade dentro da homossexualidade.”

**Sobre a necessidade de profissionalização das travestis:** “Nossa meta é melhorar a qualidade de vida das travestis. A cidadania e a busca do conhecimento são alternativas à prostituição. A prostituição um dia acaba, não é para a vida toda. Defendo uma política de cotas que garantam participação das travestis no mercado de trabalho, além de políticas públicas que obriguem as escolas a ensinar o respeito à diversidade”.

**Melhorando a imagem das transgêneros:** “As travestis sempre foram vistas como bagaceiras<sup>7</sup>, perigosas. Esta recente campanha do Ministério da Saúde pela cidadania das transgêneros ajudará a quebrar o preconceito e passar mensagem de respeito e autoestima”.

**Rebatendo a homofobia da Igreja:** em resposta a declaração de Dom José Tosi, Arcebispo de Fortaleza, de que o “o homossexualismo é um defeito da natureza humana, comparado à cleptomania, ao homicídio e à irascibilidade, Janaína declarou: “Tratar a homossexualidade dessa maneira é negar o amor cristão, o amor sem preconceito. A Igreja peca por omissão. Pede perdão por algumas coisas e fecha os olhos para outras. A Igreja é hipócrita e se prende a um discurso dogmático, esquecendo os problemas sociais”<sup>8</sup>.

Figura meiga e dinâmica, Janaína era muito bem quista pelos militantes do movimento homossexual brasileiro que lastimam sua grande perda.<sup>9</sup>

Nesse texto de homenagem, Mott começou resgatando o nome de registro de Janaína, marcando um pertencimento ao masculino no nascimento. A advocacia aparece logo em seguida, quando diz que ela tornou-se o Dr. Jaime César Dutra Sampaio, advogado

---

<sup>7</sup> Expressão de conotação negativa significa algo considerado ruim, bagunçado. Possivelmente, tem relação com bagaço, resto, sendo comum ser proferida em certas regiões do Nordeste para descrever não somente pessoas bagunceiras, escandalosas, que gostam de confusão, mas também situações.

<sup>8</sup> A polêmica travada entre Janaína e Dom José Tosi teve bastante repercussão na mídia local. Sobre isso ela teria dito ainda: “Existe muito machismo e preconceito nessa resposta do arcebispo de Fortaleza. A Igreja católica tem um débito com os homossexuais que foram assassinados na época da inquisição. Quando condena a igreja deixa de ver a realidade social. Deixa de ver o aumento da Aids entre as mulheres casadas com idade média entre 25 e 45 anos. A igreja é hipócrita e se prende a um discurso dogmático esquecendo os problemas sociais”. In: Entidade Gay acusa preconceito Jaime Dutra: A igreja peca por omissão. In: Jornal O povo, 2000.

<sup>9</sup> MOTT, Luiz. *Réquiem para a travesti Janaína*. In: Jornal *O Povo*, Fortaleza, 14.02.2004.

cearense que “se assumiu travesti”. O elemento pioneirismo é ressaltado quando aponta a filiação de Janaína à OAB, mesmo ressaltando que ela foi inscrita ali como homem e não como travesti. Na maioria das narrativas sobre Janaína, essa afirmação aparece de forma não problematizada. A sequência “advogado que se tornou travesti” ou “travesti advogada” varia de relato para relato. Teço essa observação porque ela possui implicações nas análises que faço ao longo do trabalho. Como é sabido, Janaína cursou a faculdade de Direito e teve inscrição na OAB quando ainda não reivindicava para si uma identidade travesti.

O antropólogo Mott é um ativista reconhecido do movimento homossexual brasileiro. Ele pode ter escrito o texto em homenagem a Janaína pelo que representa em termos de atuação no movimento homossexual brasileiro, por ter trabalhado, assim como Janaína, no CNCD ou por ter feito parte da Comissão Nacional de Controle da Aids do Ministério da Saúde<sup>10</sup>. Esse distanciamento entre o autor da homenagem e a homenageada ficou evidenciado numa entrevista de Janaína a Vale (2005), quando ela fez referência a conflitos entre Mott e o movimento de travestis, especialmente por ele se referir às travestis como “rapazes de peito”<sup>11</sup>, interpretado como desrespeito às reivindicações de feminilidade do grupo. Nesse sentido, é válido o questionamento sobre o que motivou essa homenagem e os efeitos políticos para o movimento de travestis ao ter uma fala do referido militante para representar uma ativista travesti, uma vez que o mesmo texto foi publicado no *Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB (Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais) e de Promoção da Cidadania de Homossexuais “Brasil Sem Homofobia”* (2004).

Importante lembrar que Mott possui a fala autorizada de cientista social, “um perito”. Em alguns momentos de crise, como no de perdas de pessoas que construíram atuações públicas, é comum que um intelectual especializado profira um *discurso competente* em que realce os feitos do homenageado, ao mesmo tempo em que apague ou

---

<sup>10</sup> Como consta no seu Currículo Lattes, de 1990 a 2002.

<sup>11</sup> Mott responde: “Não obstante curriculum inigualável, meus biógrafos terão de incluir nesta mesma história um dado chocante e contraditório: recebi um bizarro diploma onde sou apontado como ‘o maior inimigo dos travestis do Brasil’, título outorgado pela presidenta da ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados), motivado por duas razões: por que utilizei algumas poucas vezes em meus escritos as expressões ‘rapazes de peito’ e ‘travecas’ para descrever os homens travestidos - expressões corriqueiramente utilizadas pelas próprias travestis baianas, mas que foram consideradas prova incontestada da minha suposta ‘trafobia’ - expressão divulgada pela ASTRAL (imprópria etimologicamente, e que seria melhor substituir por “travestifobia”). Depois ficou comprovado que algumas das assinaturas deste absurdo troféu tinham sido falsificadas, um estelionatozinho desta minha fidalga inimiga” (Travestis: anjos ou demônios? In Mott, Luiz. Crônicas de um gay assumido, Rio de Janeiro: Record, 2003).

omita os elementos conflituosos e aparentemente contraditórios, principalmente aqueles que possam “manchar” a imagem daquelas pessoas de quem se fala. Para Marilena Chauí (2007), o *discurso competente* é aquele instituído, proferido e aceito como sendo verdadeiro e autorizado, muito comum em sociedades que cultuam a cientificidade, tal como a nossa. Esse discurso não é proferido por qualquer pessoa e nem contém elementos aleatórios, ele se confunde com a linguagem que é institucionalmente permitida e seus interlocutores são pessoas autorizadas a falar, bem como os lugares e as circunstâncias de emissão da fala.

A atuação de Janaína nos mencionados espaços institucionais são referências ativas sempre que necessário para destacar a importância e amplitude das suas ações. Vez ou outra, elas aparecem somadas às características de personalidade, além daquelas apontadas por Mott, como: personalidade forte, sensibilidade, pulso firme, carisma, dignidade e inteligência, para citar algumas. O citado texto de Mott parece ter solidificado, em síntese, muito do que hoje se fala sobre Janaína, contribuindo para estruturar pontos de memória sobre ela, inclusive as citações de Janaína destacadas.

Essa reprodução do texto de Mott talvez tenha se dado porque obteve larga circulação com a publicação no documento do Programa Brasil Sem Homofobia, logo depois do falecimento de Janaína, que trabalhou na elaboração do Programa a partir da sua atuação no CNCD. O material lançado foi dedicado a Janaína *in memoriam*, quando esse texto de Mott reaparece com o título *À Janaína*, marcando a dedicatória que a equipe de elaboração do programa fez a ela.

Além de publicado no Jornal *O Povo*, no *Programa Brasil sem Homofobia* e divulgado em outros meios de comunicação, o texto de Mott foi retomado no artigo de homenagem escrito por Cláudia Wonder<sup>12</sup> intitulado *Morre um ícone, fica o exemplo*. Na publicação, o texto é anexado à seguinte introdução de Cláudia para que o leitor entenda os motivos que fizeram com que Janaína se constituísse como um ícone:

Morreu Janaína, travesti militante do Ceará, fato que para nós transgêneros é sem dúvidas uma grande perda. Saibam o porquê lendo o texto abaixo, escrito pelo antropólogo Luiz Mott. Janaína com certeza merece nossa homenagem e nossos aplausos, pois, como poucas, soube se fazer respeitar, deixando sua história como exemplo (WONDER, 2004).<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Ativista de grande prestígio no movimento de travestis, pertencente a uma geração de travestis que realizavam trabalhos artísticos, falecida em 2010.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews\\_claudiawonder\\_16.htm](http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews_claudiawonder_16.htm). Acesso em: 30 de fev. de 2013.



Para Cláudia, Janaína é exceção entre travestis porque conquistou respeito para si (“soube se fazer respeitar”), estabelecendo uma diferença entre aquelas que não estão de acordo com normas estabelecidas de respeitabilidade. Essa afirmação tem outra implicação, o “respeito” aparece como algo que deve ser conquistado e não como um bem garantido. Ele é privilégio de poucas, daquelas que correspondem às exigências sociais ou que lutam e se adequam parcialmente. A “diferença” de Janaína rendeu a ela um bom tratamento, admiração e reconhecimento entre as “transgênero”, que teve como parâmetro a correspondência aos aspectos sociais que são atribuídos importância. Essa afirmação se traduz em ter um comportamento socialmente aceitável, não *abjeto* e de adequação às normas. Comum nesse tipo de discursos, Cláudia recorre à ideia do “exemplo” que Janaína deixou através de sua história de superação e distanciamento das experiências estigmatizadas, reafirmando, desta forma, determinados tipos de comportamentos a partir de um padrão de respeitabilidade.

Nesse mesmo momento, outro material foi produzido, de menor circulação, mas não menos significativo. Trata-se de um santinho<sup>14</sup> feito pelo GRAB com o seguinte texto:

Janaína Dutra, originária de Canindé, cidade banhada por um rio caudaloso, cidade de fé, cresce, se transforma e ganha o mundo, com garra, coragem e determinada a lutar por justiça social, pelos direitos humanos, a liberdade e a felicidade. Janaína, como um bom e velho comunista, era feita de ferro e flor. Dura nas suas convicções, no seu ativismo e em sua trajetória política, leve como as flores com sua diversidade de cores e cheiros, seus poemas cultuados e sua maneira doce de ser e viver. Janaína é patrimônio dos Direitos Humanos no Brasil!!! Janaína, feita de ferro e de flor! O movimento homossexual e de luta contra a Aids, te celebra, te agradece teu legado e reafirma que teus sonhos, tuas vontades e teus anseios continuarão a ser realizados. Nosso amor por você definitivamente não termina aqui... Viva Janaína Dutra, porta-voz da ESPERANÇA, da BELEZA e da VIDA.

Nesse material, as frases utilizadas para descrever Janaína jogam com a ideia de ambiguidade, usando concepções de oposição/complementaridade. Essa ambiguidade também parece uma maneira de marcar a diferença sexual. Os pares opostos/complementares são: homem comunista forte e convicto politicamente / figura sensível; ferro / flor; dura / leve. A “dureza” de Janaína aparece relacionada ao ativismo político, enquanto que sua “leveza” está vinculada à esfera mais íntima, ao seu cheiro, sua sensibilidade poética, tornando sua vida mais doce, deixando subentendida ainda outra oposição: público / privado. Além disso, Janaína é descrita como “patrimônio dos direitos

---

<sup>14</sup> Pequenos cartões impressos confeccionados para homenagear alguém que morreu. Integra costumes ligados a valores cristãos e é muito comum no contexto analisado. Geralmente, contêm fotos, orações e textos sobre o homenageado.

humanos no Brasil”, uma referência para a memória dos referidos movimentos sociais, alguém que possui um valor excepcional a ser preservado em benefício das presente e futuras gerações, através da encarnação dos ideais exaltados e deixados como exemplo.

No ano da sua morte, Janaína foi bastante homenageada nos encontros do movimento LGBT de forma geral, principalmente no XI ENTRAIDS<sup>15</sup>, em junho de 2004, quando foi largamente homenageada por várias ativistas.

As homenagens a Janaína, no entanto, não partiram somente de militantes e grupos de homossexuais. Daletty di Polly<sup>16</sup>, considerada uma das *filhas* de Janaína, criou uma Comunidade no site de relacionamento *Orkut*, em 11 de julho de 2006, intitulada *Janaína Dutra: “In memória”*. O grupo virtual era descrito da seguinte forma:

*Essa comunidade é uma homenagem a esta grande "guerreira" que em sua passagem pela terra "lutou" bravamente pelos direitos humanos e cidadania da comunidade LGBTT, pela liberdade e pela vida. Janaína Dutra, que faleceu no dia 08 de fevereiro de 2004, em decorrência de um câncer no pulmão deixou um grande vazio em nossos corações, que superamos com as lembranças dos bons exemplos deixados por ela. Será sempre lembrada com muito orgulho como a 1ª travesti advogada do Brasil!!!<sup>17</sup>*

Aqui o título de “primeira travesti advogada do Brasil” aparece novamente em destaque, como uma posição central a partir da qual Janaína deve ser lembrada. Ela é descrita como guerreira, tendo concentrado sua luta na defesa de direitos de pessoas LGBT, por liberdade e pela vida. Em um tópico criado por Daletty dentro da comunidade, intitulado *Conheça um pouco sobre a vida de Janaína Dutra*, ela escreveu:

*Janaína nasceu na cidade de Canindé, interior do Ceará, no dia 30 de Novembro de 1960, foi registrada com o nome de Jaime César Dutra Sampaio, tornou-se Dr. Jaime ao se formar em Direito, na UNIFOR, em 1986. A tendência a travestilidade, porém, foi mais forte do que as convenções sociais. Dr. Jaime decidiu suavizar as formas e passou a utilizar hormônios femininos, se assumindo travesti, passando a viver como Janaína Dutra. Foi a primeira, talvez a única vez em toda história do Brasil, que uma travesti conseguiu sua carteira de filiação junto à OAB. Na medida em que foi se transformando, se assumindo como travesti, Janaína foi se especializando em casos na área de Direitos humanos, voltado para a causa homossexual. Em 1989, começou a atuar no movimento de cidadania homossexual, tornou-se militante dos Direitos Humanos dos homossexuais, filiando-se ao Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), onde galgou diversos postos até chegar à vice-presidência. Fundou a ATRAC – Associação de Travestis do Ceará, exerceu o cargo de Secretária de Direitos Humanos (suplente) da Associação Brasileira de Gays,*

---

<sup>15</sup> Nesse ano o ENTLAIDS passou a se chamar ENTRAIDS – Encontro Nacional de Transgêneros que atuam com Aids.

<sup>16</sup> Daletty também trabalhou com Janaína no GRAB e compôs a primeira diretoria da ATRAC em 2001, ocupando o cargo de 1º Secretária.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=16895659>. Acesso em: 20 de out. de 2011.

*Lésbicas e Transgêneros. Foi também presidente da ANTRA – Articulação Nacional de Transgêneros, e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação*<sup>18</sup>.

No primeiro relato de Daletty na comunidade virtual aparece a data de falecimento de Janaína, enquanto que nesse último, a data de nascimento, ambos tidos como marcos de uma vida. Quando falou do falecimento, ela fez referência a Janaína. Por outro lado, quando apontou o nascimento, usou o nome de registro, Jaime César, talvez porque essa faceta masculina seja uma forma de conhecermos “um pouco mais sobre a vida de Janaína”, situando essa marcação como uma espécie de mito fundante da ativista guerreira que veio a se tornar. Mais uma vez, a ideia de transformar-se, de assumir tendências e identidades inatas aparece com toda força.

É possível perceber que o texto de Daletty possui estreita proximidade com o texto de Mott já citado, publicado dois anos antes. Poucas alterações foram feitas e acrescentadas à escrita do antropólogo: data de nascimento, nome da universidade na qual Janaína cursou Direito e a substituição do termo “travestismo” por “travestilidade”. Daletty falou ainda sobre a experiência de modificação corporal por meio da ingestão de hormônios, com o objetivo de “suavizar as formas”, ou seja, torná-las mais próximas do que é reconhecido como formas corporais femininas. Por fim, manteve a escrita de Mott referente à atuação de Janaína nas associações e órgãos públicos, com exceção da descrição sobre a participação no GRAB. Para Mott, Janaína era vice-presidente da associação desde sua fundação em 1989, enquanto Daletty aponta para uma gradual conquista de cargos, culminando na vice-presidência. Outra particularidade que aparece nas palavras de Daletty é a atuação de Janaína na área de direitos humanos, intensificada na medida em que ela vai se reconhecendo como travesti. Por mais que Daletty tenha se baseado no texto de Mott, fez significativas ressalvas que parecem se pautar na proximidade e convivência que teve com Janaína, bem como pelo fato de também vivenciar a experiência da travestilidade.

Logo adiante, afastando-se dessas narrativas enquadradas em uma referência mais ampla do movimento LGBT brasileiro, encontro um relato de Daletty, em que ela deixa transparecer sua admiração por Janaína e a dor que sente pela ausência daquela que considerava *mãe*:

*Janaína era doce como mel e forte como uma rocha, como um bom velho comunista era feita de ferro e de flor. Dura nas suas convicções, no seu ativismo e em sua trajetória*

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=16895659&tid=2475323344290263055>. Consulta feita em 20.10.2011.

*política, leve como as flores com sua diversidade de cores e cheiros, seus poemas cultuados e sua maneira doce de ser e viver. Janaína era uma dama – “Dama de espadas” – com muita elegância, ética, dignidade e transparência. Janaína sempre lutou por justiça social, pelos Direitos Humanos, a liberdade e a felicidade, e sempre procurou passar adiante seus ensinamentos, incentivando muitas trans a nunca baixarem a cabeça, e, a lutarem contra o mito das aparências, dos rótulos, das más impressões. Sinto-me privilegiada por ter sido “uma de suas pupilas”, por ter tido oportunidade de ter estado ao seu lado não só nos momentos de alegria, mas nos momentos de dor. A dor de sua partida. Janaína deixou muitas saudades em nossos corações, mas também deixou um legado de boas obras. O exemplo de luta de Janaína estará permanente em nossa memória. Janaína será sempre lembrada com muito orgulho como “a primeira travesti advogada do Brasil”. JANAÍNA DUTRA imortalizada em nossos corações; Nosso amor por você definitivamente não termina aqui...<sup>19</sup>*

Embora contenha algumas frases em comum com o texto do santinho fabricado pelo GRAB, percebe-se que Daletty falou a partir da sua convivência com Janaína, construindo significados para a relação que mantinham. Aqui, permanecem as imagens opostas como recurso de fala sobre Janaína, ela era “doce como mel” / “forte como rocha”, era feita de ferro / flor. Outra imagem que mexe com aparentes oposições é a expressão “dama de espadas”, relacionando, possivelmente, elementos da masculinidade e da feminilidade enquanto pertencentes a marcações distintas socialmente. Janaína era uma dama, fazendo menção à feminilidade, mas era uma dama de espada, uma referência fálica. A dama abarca também outros significados, como elegância e dignidade, características relacionadas à uma referência de feminilidade respeitável, diferenciada. Inclusive, essas concepções que mesclam elementos tidos como masculinos e femininos possuem relação com afirmações da própria Janaína de que uma característica das travestis é que elas “gostam e admiram o próprio pau”<sup>20</sup>.

Nesse escrito, a partir de princípios éticos, Janaína lutaria por direitos humanos, pela felicidade, pela desconstrução dos estereótipos criados em torno de travestis, chamados por Daletty de rótulos e más impressões. Essa concepção, possivelmente faz ligação com as afirmações de Janaína sobre a necessidade de quebrar o preconceito e desconstruir a imagem de travestis como “bagaceiras e perigosas”. Para Daletty, Janaína era solidária, tinha o compromisso de transmitir o que sabia e incentivava as travestis a

---

<sup>19</sup> Disponível em:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=16895659&tid=2475323344290263055>. Acesso em: 20 de out. de 2012.

<sup>20</sup> É possível conferir essa afirmação nas citações que Mott faz de Janaína no texto Réquiem para a Travesti Janaína, citado acima.

fortalecerem a autoestima. Desta maneira, Daletty reforça a ideia de “exemplo” personificado em Janaína a partir do “legado de boas obras”.

Ao se identificar como uma das “pupilas” de Janaína, Daletty possivelmente se referia às travestis que conviviam e mantinham proximidade com Janaína no GRAB e, a partir de 2001, na ATRAC. As “pupilas” eram também chamadas de “multiplicadoras<sup>21</sup>”, “filhas” ou “minhas meninas” por Janaína, segundo ela relatou a Vale (2005). Em sua narrativa, Janaína demonstrava ter orgulho e admiração por elas, as elogiando e as incentivando a lutarem por direitos. Vale pontuou que, às vezes, Janaína se referia às multiplicadoras, suas agentes de prevenção, por “rebanho”, o que não teria relação com centralismo ou paternalismo, mas com seu “esforço heroico” entre as travestis com incipiente mobilização, consequência da falta de qualificação e atualização da exclusão agravada pela epidemia da aids. Acrescenta o antropólogo que a atitude de Janaína também não era assistencialista, estando inserida em redes de sociabilidade e solidariedade, nas quais ocorriam trocas de informações e compartilhamento de lutas. Tanto Janaína como outras ativistas assumiriam esse lugar “maternal” e “consolador”, que, por vezes, infantilizaria e tornaria “dóceis” as demais travestis.

Entre as travestis é comum o uso de categorias que se remetem ao modelo familiar tradicional. As categorias êmicas *mãe*, *madrinha*, *tia* e *irmã*, apesar de não terem significados homogêneos, estão relacionadas à influência que a pessoa teve/tem no seu processo de *montagem* e nas suas vivências como travesti. Oliveira (1994) observou que o processo de transformação das travestis é acompanhado por uma travesti mais experiente que lhe daria acolhida, influenciando “no tipo geral da mulher imaginada, contribuindo para a escolha do nome, tipo de hormônio mais indicado, tipo de roupa, cor de cabelos, etc.” (OLIVEIRA, 1994, p. 113). Silva (1993) também percebeu essas dinâmicas, chamadas por Pelúcio (2005) de *amadrinhamento*. Sobre elas, Silva afirmou: “Às vezes esses laços se consolidam de tal maneira que merecem uma definição em tom jocoso, mas reiterado, que restaura os papéis familiares clássicos” (SILVA, 1993, p. 55).

A figura da *mãe*, nessas dinâmicas, é a mais presente, na medida em que representa a imagem da pessoa que possibilita uma nova existência, uma espécie de renascimento

---

<sup>21</sup> Multiplicadoras de informação é um termo geralmente utilizado pelos órgãos fomentadores de projetos de prevenção, bem como o de “educadoras”, voltados àquelas consideradas “público alvo” das próprias políticas que, uma vez “capacitadas”, estão aptas a atuarem “entre seus pares” como agentes de prevenção. Sobre os termos, ver Pelúcio (2009).

enquanto existência possível e desejada, “é como se atualizassem, por meio dessas práticas, uma característica socialmente feminina: a maternidade” (BENEDETTI, 2005. p. 103). A mãe pode ser a travesti que *batiza*, ou seja, dá um *nome social*; a que coloca silicone (*bombadeira*); a que insere a travesti em uma determinada rede de relações; a que ensina algumas técnicas de *montagem*; a que abriga quando esta sai da casa da família de origem; a que aconselha, etc.

Renata Sampaio, uma das “pupilas” de Janaína, relatou em entrevista sobre a relação de *mãe e filha* que mantinha com Janaína, bem como sobre a construção de Janaína como ícone:

**Renata:** *O meu sentimento por ela foi de cara. Quando eu comecei a ouvir ela falar, eu me encantei. Porque eu era um pouco ignorante, na verdade. Eu tava indo [para o GRAB] por necessidade e não pela militância. Sabe quando você tem seus vinte anos? Principalmente alguém como eu, minha realidade era muito cruel, ou você trabalhava ou se prostituía. Quem sustentava a casa era eu, sem profissão nenhuma. Sempre foi só eu e minha mãe. Eu não me prostituía. Aí, foi quando eu conheci o GRAB, passando por essas necessidades. Então aí eu me encantei por ela, sabe? Aquela pessoa me fez acreditar que realmente tinha uma luz no fim do túnel. Porque tem aquela coisa, a gente leva tanta patada. Eu costumo dizer que uma trans, ela mata um leão por dia pra sobreviver. Porque é um olhar torto, sabe? Não olham nem pra você como ser humano. Olham pra você como se fosse um ser sexual. E ela foi me mostrando um outro lado da coisa [...]. E aí foi onde ela [a Janaína] entrou na minha vida. **Ela começou a me trabalhar, entendeu? Ela foi me trabalhando, ela foi me fazendo**, ela foi fazendo com que eu acreditasse em mim mesma. [...]. Ela foi me ensinar umas coisas de quando ela se formou que ela foi lá em uma audiência de travesti e tal e no fim da história o juiz chegou pra ela e disse: “Você acha legal que você tá defendendo o seu cliente e tal, mas você é um travesti. Você não acharia legal se fosse mais discreto, tirasse seu peito, cortasse seu cabelo? E Janaína olhou bem pra cara dele e disse: “E o senhor quer que eu faça o quê, ponha na gaveta?”. Então foi nesse período que Janaína foi trabalhando na minha mente, eu fui amadurecendo. [...]. Inclusive eu fui membra da diretoria da ATRAC. A Janaína me colocou como tesoureira. Aí, surgiu uma história de um movimento em prol das transexuais, das travestis, porque não eram muito bem assistidas. A Janaína tinha um senso de justiça inacreditável e ela não admitia certas coisas. É tanto que por eu ser a queridinha dela eu era a mais bombardeada. Eu não podia errar, todo mundo podia errar. Ela me chamava de filha e eu a ela de mãe. A gente só se cumprimentava de cheirinho. Só tinha duas pessoas, era eu e Dalley que se cumprimentava no selinho, entendeu? Nós duas eramos filhas dela. É tanto que a gente se chama de mamy. Não que nós fôssemos as queridinhas, mas é que ela [Janaína] via que nós tínhamos mais necessidade de atenção. Com os filhos não acontece isso? As mães protegem os que mais precisam. Quando a mãe olha pro filho, ela sabe da necessidade que ele precisa. [...]. Eu fui criando um amor muito grande por ela. Ela tinha um respeito por mim incondicional.*

**Eu:** E o teu nome, Renata Sampaio, me fala sobre essa escolha.

**Renata:** *O Sampaio é dela. Conversando com ela eu disse: “Jana, o quê que tu acha? Já que eu sou tua filha, tu deixa eu usar teu sobrenome?”. Ela disse: “Escolhe o que tu quiser”. Aí, eu fui e disse: “Jana, pois tu deixa eu usar Sampaio? Vai ficar legal Renata Sampaio, o quê que tu acha? Nome de peso”. Aí ela começou a fazer hora: “Vai que eu te batizo agora” (risos). Aí, ficou Renata Sampaio, até hoje. Eu adoro esse nome! Esse sobrenome! Então o meu nome é por causa dela. O sobrenome é dela.*

**Eu:** O trabalho dela foi importante para as travestis do Estado?

**Renata:** *Sim, o mito Janaína Dutra é uma consequência do trabalho dela. Claro, né? Que tem sim a cultura de santificar as pessoas, mas ela era isso mesmo. [...] As pessoas que viveram com ela falam sempre a mesma coisa: “A militância perdeu o exemplo, perdeu o rumo”. [...] Só que ela não tinha noção da dimensão que tava tomando, porque ela foi a única transexual a se sentar na mesa do tribunal, do tribunal lá em Brasília com os grandes lá, eu acho que até com o Lula, se eu não me engano, foi secretária do Lula, uma coisa do tipo. Enfim, ela tinha uma importância sim, é tanto que ficou! Ninguém apaga. E você vê que quando as pessoas falam dela não falam como se ela fosse “a santinha”. Coloca a Janaína no seu trabalho, coloca a Janaína na militância, colocam a Janaína na sua vida pessoal e em como ela conduzia a sua vida. Ela é mundialmente conhecida como o exemplo na militância, como a guerreira, entendeu? Como a fênix. Ainda hoje as travestis falam dela.*

No relato de Renata se mesclaram elementos maternais presentes na figura de Janaína, como aconselhamentos, ensinamentos, ajuda de variadas formas, incluindo financeiras e emocionais. Renata falou de Janaína como um mito que chegou a ser, segundo ela, mundialmente conhecido, um exemplo de militante e de pessoa. Janaína era extremamente amada e admirada por Renata, que adotou seu nome, seguiu sua forma de se vestir e de se comportar.

Paula Costa<sup>22</sup>, um braço forte de Janaína no ativismo, como se auto intitulou, também falou sobre Janaína como uma “mãezona” e “madrinha” das travestis. Para ela, uma das principais contribuições de Janaína às travestis foi o incentivo para que tivessem uma formação acadêmica, sendo também uma “professora” para muitas travestis ativistas. Em sua fala, Janaína aparece como um mártir, aquela que sofreu preconceitos e agressões para que as travestis pudessem frequentar espaços antes negados. Paula fala também que Janaína era um modelo de militância nacional, admirada, mas também foco de rivalidades. Por este último motivo, o Ceará teria perdido a centralidade na militância nacional depois que Janaína morreu, sendo excluído das atividades posteriormente desenvolvidas, o que demonstra disputas internas e fragilidades locais:

**Paula:** *Ela era assim muito lotada de atividades. Era palestra ali na Faculdade de Direito. Ia não sei onde, por ser travesti e ter carteira da OAB em mãos e tudo, né? Tinha um histórico que foi discriminada, que não podia usar o banheiro da faculdade, não podia usar roupa feminina, nem maquiagem. Como ainda tem. Tem muitas que sofrem esse preconceito ainda. Ela foi uma lutadora mesmo que apanhou mesmo da polícia e tudo, pra enfrentar, pra lutar pelos direitos humanos dos homossexuais em geral, gays, lésbicas,*

---

<sup>22</sup> Paula é coordenadora do *Grupo de Resistência Flor de Mandacaru*, do município vizinho à Fortaleza, Caucaia (CE). Ela trabalhou com Janaína no GRAB e depois contribuiu com a fundação da ATRAC, ocupando o cargo de Coordenadora Geral. A fundação dessa associação em Caucaia está dentro de uma idealização da própria Janaína, como uma forma de descentralização. Assim, as outras regiões do Estado também seriam beneficiadas com políticas desenvolvidas, bem como era uma maneira de travestis se desvincularem de grupos mistos, focando em suas próprias especificidades.

*bissexuais e travestis, todo mundo que quer beijar na boca, que quer pegar na mão. Ela é uma lutadora que meteu a cara mesmo, se expôs demais.*

**Eu:** E para as travestis?

**Paula:** *Pras travestis? Ela é a mãezona. É a madrinha. Porque se não fosse ela nós ainda estávamos sofrendo, recebendo preconceito ainda dos gays e tudo, a gente não tinha esse respeito. Porque os gays começaram a respeitar ela, a saber que tinha travesti que pode estudar, travestis que pode trabalhar. Depois dela mudou bastante! Muitas travestis... hoje eu faço uma prova de Serviço Social, já tenho uma amiga que tá fazendo. Antes dela, não. A gente tinha medo de ir, de frequentar por causa do preconceito.*

As narrativas que retratam Janaína como exemplo se concentraram no período seguinte a sua morte, ressurgindo com toda força em 2011, quando da produção, pelo GRAB, de um documentário biográfico sobre ela. No entanto, ao longo dos últimos onze anos, algumas lembranças foram feitas por amigos, por admiradores, por ex-colegas de trabalho, por membros dos grupos dos quais fez parte, por pessoas em encontros do movimento LGBT, principalmente em encontros nacionais e regionais do movimento de travestis e transexuais, em trabalhos acadêmicos e em homenagens por intermédio da atribuição do seu nome a espaços públicos e a leis. Por meio dessas lembranças e homenagens a Janaína, percebo como a memória foi sendo (re)construída, como a ideia de exemplo e ícone foi reforçada, como essa imagem foi utilizada para extirpar / reforçar um determinado tipo de abjeção. Os elementos usados para significar quem foi e o que fez Janaína dependem de quem, de onde, do porquê e de quando se fala.

A morte de Janaína foi bastante divulgada na imprensa local, através de jornais impressos, televisão e rádio. A partir de relatos e recortes de jornais, foi possível perceber que Janaína participava de muitos programas transmitidos por esses meios de comunicação, o que fez com que se tornasse muito conhecida em seu Estado. Por exemplo, foi publicada no *Diário do Nordeste (CE)*, um dia depois de sua morte, a notícia: *Movimento homossexual perde Janaína Dutra*, escrita por André Lima<sup>23</sup>. No dia 09 de fevereiro de 2004, foi publicado no mesmo jornal, *Diário do Nordeste*, um texto da repórter Rita Célia Faheina, intitulado *Despedida*:

Faz dois dias que eu tenho uma saudade danada de ti, Janaína. Fiquei triste porque não te dei um beijo de despedida, um abraço daqueles calorosos que tu costumavas dar nos teus amigos. Lembro da última vez que falei contigo, no fim do ano passado, quando eu estava engajada na preparação do caderno especial sobre Aids e tu, animadíssima com o convite do Nilmário Miranda, secretário nacional de Direitos Humanos, para fazer parte de um grupo de estudos sobre as ações para conter o desrespeito à dignidade

---

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/movimento-homossexual-perde-janaina-dutra>. Acesso em: 14 de dez. de 2012.



humana<sup>24</sup>. Morremos de saudades de ti, Janaína, eu, o Madeira, a Ana Cecília, a Ana Mary, a Fátima. Nós, da redação, que vivemos engajados, como tu, nessa batalha sem trégua pelo respeito aos direitos humanos, pelo combate à violência e discriminação, seja com quem for, seja onde for. Tu partiste, amiga, mas deixastes lições para teus semelhantes. Na hora de encarar a justiça, era o advogado Jaime, de cabelos amarrados e de paletó. Não porque não assumias a tua condição de travesti, mas as regras de sociedade assim determinavam. Como tu sempre repetias, a tua vida foi diferente de muitos homossexuais. Teus pais foram muito presentes e nada te cobraram. Aceitaram o caminho escolhido pelo filho e te recebiam com alegria quando chegavas à Canindé, terra abençoada pelo irmão São Francisco, aquele que como Jesus, acolhia a todos, sem discriminação. E é lá que o teu corpo está repousando, enquanto o espírito, forte, guerreiro, tenho certeza, continua na luta. Vamos lembrar sempre de ti, amiga, da tua preocupação em arranjar cursos de profissionalização para os travestis e homossexuais e livrá-los da prostituição, das tuas orientações sobre sexo, das ações de prevenção das DSTs/Aids, da tua batalha contra a violência, da voz forte e firme como presidente da Associação dos Travestis do Ceará e como vice-presidente do Grupo de Resistência Asa Branca. Deus nos chama na hora certa. Ele, com certeza, tinha uma missão pra ti, na vida eterna. E pelo que eu te conheço, já assumiste essa nova função com a garra de sempre. Fica com Deus, amiga (FAHEINA, 2004).

Pela escrita de Faheina nota-se que ela mantinha uma relação de proximidade com Janaína, diferentemente de André Lima, que escreveu um texto meramente informativo. De qualquer forma, transpareceu a ideia de que Janaína possuía estreitas relações com algumas pessoas da mídia cearense, como parte do seu ativismo<sup>25</sup>. Faheina se referiu a Janaína como amiga, falando sobre saudade, lições de luta, engajamento político e determinação que Janaína deixou, relembrando encontros e conversas que tiveram em um texto organizado como se estivesse travando um diálogo direto. A proximidade maior entre a autora e Janaína e o engajamento da própria jornalista em uma “luta sem trégua pelos direitos humanos”, pode explicar a referência a Janaína no feminino, sem, no entanto, eliminar a ideia de polaridade masculino/feminino. Uma faceta relacionada à masculinidade em Janaína, nunca totalmente expurgada, aparece quando o Dr. Jaime, advogado, entra em ação. As roupas e a forma de prender os longos cabelos são as

---

<sup>24</sup> Referindo-se provavelmente ao Programa Brasil Sem Homofobia.

<sup>25</sup> Janaína participou de vários programas televisivos e matérias impressas locais. Geralmente, ela era apresentada pelo nome Jaime César Dutra, advogado que também respondia por Janaína Dutra. A flexão de gênero masculina predominava na maioria das matérias de jornal que encontrei sobre ela. A negação da feminilidade para travestis ainda é comum atualmente, na mídia em geral. Alguns títulos que expressam isso: *Seminário Cearense aborda no Recife tema tabu. “Advogado Travesti Faz Defesa De Homossexuais”*, In: Jornal do Comercio. Recife, 25 de outubro de 1997. *“Os assumidos. Duas faces”*. In: Jornal: O povo, Fortaleza – CE, 17 de março de 1996. *“Os medos de sair do armário. Jaime César: os pais aceitaram na maior o seu homossexualismo”*. In: Jornal O povo, Fortaleza – CE, 20 agosto 1995. *“Grupo de Resistencia Asa Branca denunciará Athenas às comissões de direitos humanos. Residência escolar discrimina homossexuais. Dutra: “Geralmente ligam a homossexualidade à marginalidade e toxicomania. Querem nos exorcizar”*. In: Jornal Tribuna do Ceará, 14 de dezembro de 1995. *121 homossexuais foram mortos no Brasil até novembro último. Projeto cadastra travesti nas ruas de Fortaleza, Jaime Dutra ou Janaína é advogado e trabalha no projeto de intervenção comportamental”*. In: Jornal O povo, Fortaleza – CE, 30 de dezembro de 1997.

indumentárias usadas para compor essa performance. Era a sociedade que impunha essas regras a Janaína, era o campo jurídico que ditava as regras, mas não sem conflitos, como veremos a seguir.

Esse foi um dos poucos relatos que não fez menção a Janaína como “a primeira travesti advogada no Brasil”, o que me leva a pensar que é um título politicamente acionado para legitimar e positivar a experiência da travestilidade, feito mais pelos grupos políticos dos quais participou. Todavia, o “diferencial” de Janaína em relação à maioria aparece de outra forma nesse texto, na aceitação de sua condição “homossexual” pela família, que, pelo viés religioso, a acolhiam sem discriminação. Outro elemento bastante significativo nessa narrativa é o empenho de Janaína em “livrar os travestis e homossexuais da prostituição”. Nesse trecho não é possível perceber até que ponto seria de uma concepção feita pela jornalista das ações que Janaína desenvolvia ou se era um posicionamento de Janaína, uma missão de redenção dessa atividade considerada moralmente degradante, da qual as travestis precisariam ficar livres. Por fim, no artigo, Janaína não seria um exemplo somente pelo que deixa, mas pelo que continua fazendo mesmo depois de morta, com uma visão um tanto espiritualizada.

Dois meses depois, em 07 de abril de 2004, Janaína foi novamente homenageada em uma audiência realizada na Assembleia Legislativa de Fortaleza, por ocasião da comemoração de quinze anos de fundação do GRAB. A matéria que cobriu o evento transcreveu declarações da travesti Eskarletty Ohara sobre Janaína: “Ela foi muito importante para mim, pois me incentivou a exigir os meus direitos. O grupo é importante porque mostra um novo meio de vida, profissionaliza as pessoas. Entrei sem profissão nenhuma, hoje sou cabeleireira”<sup>26</sup>. A promoção de cursos de profissionalização é uma das ações que foram empreendidas por Janaína, como já mostrou o texto de Faheina acima, ação que será muitas vezes lembrada como de grande importância.

No dia 11 de dezembro de 2004, passados dez meses da morte de Janaína, ela foi lembrada pela Coordenação Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde<sup>27</sup>, que lançou no site o artigo: *Movimento GLBTT: Dez meses sem Janaína Dutra*. Nessa lembrança, destacaram justamente o trabalho que Janaína fez junto ao Ministério da Saúde na

---

<sup>26</sup> Asa Branca é homenageado na AL. Diário do Nordeste (CE). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/grupo-asa-branca-e-homenageado-na-al>. Acesso em: 23 de dez. 2012.

<sup>27</sup> Hoje denominado Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

elaboração da *Campanha Travesti e Respeito* e a trataram como um dos referenciais para o movimento homossexual brasileiro:

O movimento homossexual brasileiro perdeu um de seus referenciais. Em fevereiro de 2004, falecia em Fortaleza, aos 43 anos, o advogado Jaime César Dutra Sampaio, mais conhecido pelo nome de Janaína Dutra. Janaína foi chamada para ajudar o Ministério da Saúde a elaborar a primeira campanha sobre prevenção da Aids destinada aos travestis<sup>28</sup>.

Entre as lembranças e homenagens feitas a Janaína em 2004, aponto ainda a fundação da *Casa de Assistência às Pessoas Vivendo com Aids Janaína Dutra*, em Aracaju (SE). Consiste numa casa de apoio às pessoas que vivem com hiv/aids, com atuação na área de assistência, prevenção e promoção da saúde através de orientações, disponibilização de preservativos e capacitações em saúde.<sup>29</sup> Em uma rede social, a assistente social Clara Smit falou que a Casa surgiu a partir da Associação de Travestis Unidas na Luta Pela Cidadania – UNIDAS, a qual sempre recebeu ajuda e incentivo de Janaína, auxílios esses pautados em uma relação de amizade e companheirismo com as pessoas que a compunham. Em contato que estabeleci por e-mail com Eliana Chagas, a coordenadora da *Casa*, ela me revelou que Janaína manteve uma amizade muito próxima com a ativista Luciana Lins, fundadora e primeira presidenta da UNIDAS. Janaína teria ajudado Luciana e sua equipe a firmar convênios para a associação, além de auxílio em outros projetos. No arquivo de fotos e correspondências deixado por Janaína encontrei inúmeros registros de Luciana e, em vários relatos para a pesquisa, foi feita referência a Luciana como uma das melhores amigas de Janaína, alguém que teria a acompanhado até os últimos dias de vida. Quando a UNIDAS recebeu um prêmio do Ministério da Saúde, financiado pela Fundação Bill Gates para aquisição de uma casa de apoio, resolveram, por unanimidade entre as pessoas da associação, homenagear Janaína com seu nome à Casa de Assistência.

No ano seguinte a sua morte, Janaína foi homenageada no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros (EBGLT) que aconteceu entre 08 e 11 de novembro de 2005 em Brasília. Cada dia do evento recebeu o nome de uma ativista morta e, a cada início de atividades do respectivo dia, era feita uma homenagem. As homenageadas foram:

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=53829>. Acesso em 20 de nov. de 2012.

<sup>29</sup> Site Ministério da Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/endereco/casa-de-assistencia-pessoas-vivendo-com-aids-janaina-dutra>. Acesso em: 21 de nov. de 2012.

Marcela Prado, Charla Novi, Beth Calvet e Janaína, demonstrando, assim, que Janaína era considerada uma das mais importantes ativistas de âmbito nacional, ao lado de Marcela, ativista curitibana, integrante do Grupo Dignidade que assumiu a presidência da ANTRA depois da morte de Janaína, bem como a coordenação do Projeto Tulipa, que morreu cinco meses depois de Janaína, e Charla Novi, carioca fundadora do grupo Charlath's, morta em 11 de dezembro de 2003.

Em 2006 Janaína foi homenageada durante o VI Congresso Brasileiro de Prevenção das DST e Aids, realizado em Belo Horizonte (MG). O congresso, promovido pelo Ministério da Saúde, Programa Nacional de DST/Aids em parceria com secretarias locais, aconteceu entre 04 a 07 de novembro, no Minascentro. Nesta ocasião, a homenagem foi realizada pela nomeação do auditório onde aconteceram atividades do congresso, como *Auditório Janaína Dutra*.<sup>30</sup>

Em 25 de outubro de 2007, Janaína foi lembrada por Matheus Viana no artigo *O argumento sagaz*, no qual ele falava sobre o Projeto de Lei 122/2006, que criminaliza a homofobia<sup>31</sup>, na ocasião apresentado à Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal. Na respectiva sessão, narrou Viana, o PL teria sido rechaçado pela Comissão, então liderada pelo então senador Marcelo Crivella, sob o pretexto de não ter sido analisado anteriormente.<sup>32</sup> Em determinado momento do texto, depois de ter recorrido a passagens bíblicas que condenam a homossexualidade, Viana, ironicamente, pergunta:

Onde está Jaime César Dutra Sampaio, a saudosa “Janaína”, uma das primeiras militantes pela causa homossexual e “fundadora” da ATRAC (Associação das Travestis do Ceará), citada de maneira louvável na publicação editada pelo Governo Federal do programa “Brasil sem Homofobia”? Meramente na memória ou no tributo fúnebre daqueles que se acham no direito de mudar a natureza, ou, de maneira enganosa acreditarem que o homossexualismo é algo inato do ser humano<sup>33</sup>.

Ao trazer esse texto, não intenciono apenas expor entraves à efetivação de direitos de LGBT por meio de concepções religiosas ou problematizar a tentativa do autor de desqualificar o trabalho realizado por militantes do movimento LGBT quanto aos objetivos do Programa Brasil Sem Homofobia. Quero problematizar os usos da imagem de Janaína

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/congressoprev2006/programacao.pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2012.

<sup>31</sup> De autoria da senadora Fátima Cleide do Partido dos Trabalhadores de Roraima

<sup>32</sup> É possível perceber um crescente conservadorismo religioso entre os parlamentares brasileiros, inclusive com a chegada de um deputado evangélico com opiniões homofóbicas à presidência da referida Comissão de Direitos Humanos, Marco Feliciano, em 2013.

<sup>33</sup> Disponível em: [http://profeciaonline.zip.net/arch2007-10-21\\_2007-10-27.html](http://profeciaonline.zip.net/arch2007-10-21_2007-10-27.html). Acesso em: 20 de nov. de 2013.

como recurso argumentativo. Nesse texto, recorrer à imagem de Janaína exemplifica que ela, em determinados espaços, se tornou o símbolo da luta por direitos LGBT, devido, principalmente, à homenagem publicada no material do Programa Brasil Sem Homofobia. Por estar presente em um documento do governo, Janaína é resgatada como argumento em alguns momentos de embate em instâncias governamentais, como essa no Senado. Nesse texto, o autor tenta apagar os significados de tal feito ao referir-se a Janaína como um ídolo morto e um exemplo sim, mas do que considera não natural.

Ainda em 2007 Janaína foi homenageada por ter sido a maior referência do movimento de travestis e transexuais na luta contra a homofobia e pela defesa dos direitos trans, durante uma capacitação do Programa DST/Aids do município de Aracaju (SE), promovida pela coordenação do Projeto Tulipa. O evento teve a finalidade de formar lideranças na região Nordeste para atuar em trabalhos relativos aos direitos humanos, prevenção e ativismo de travestis<sup>34</sup>. Em abril de 2009, em uma sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará de comemoração dos vinte anos do GRAB, Janaína foi homenageada, *in memoriam*, por meio de uma placa comemorativa<sup>35</sup>.

Passados alguns anos, Janaína foi homenageada durante o I Festival das Juventudes de Fortaleza - América Latina e as Lutas Juvenis, organizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e por organizações de juventude. O evento aconteceu entre 03 e 06 de junho de 2010 e a homenagem se deu pela nomeação de um espaço de debate como *Espaço Janaína Dutra*. Segundo consta na matéria relativa ao evento, a organização do festival buscou prestar uma homenagem a um “ícone importante” para a história da organização política e das culturas juvenis<sup>36</sup>.

No blog do evento foi publicado um artigo intitulado *Janaina Dutra e Dandara: representações femininas no Festival das Juventudes*, escrito por Rafael Mesquita, do IJC - Instituto de Juventude Contemporânea, no qual chamou atenção para outra pessoa que foi homenageada, além de Janaína, referindo-se a elas como “exemplos para centenas de milhares de militantes por todo o Brasil”. Deidiane, uma travesti que na época compunha a diretoria do GRAB, esteve presente no evento para falar sobre Janaína e, na ocasião,

---

<sup>34</sup> Disponível em: <http://novo.swapi.com.br/index.php?act=imprimir&codigo=33442>. Acesso em: 12 de out. de 2013.

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.dedeteixeira.org.br/imprimir.asp?id=352>. Acesso em: 10 de mar. de 2013.

<sup>36</sup> Disponível em: [http://www.grab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=95%3Ajanaina-dutra-recebe-homenagem-no-i-festival-das-juventudes-de-fortaleza&catid=46%3Acontainer&Itemid=12](http://www.grab.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95%3Ajanaina-dutra-recebe-homenagem-no-i-festival-das-juventudes-de-fortaleza&catid=46%3Acontainer&Itemid=12). Acesso em: 15 de abr. de 2014.

repetiu todos os marcos institucionais da experiência de Janaína. Fez ainda referência a ela como “um dos maiores ícones do movimento LGBT e de defesa dos Direitos Humanos no Brasil”, que deixou um legado para todos os que lutam pela defesa de uma sociedade mais democrática. Nas palavras da militante: “Ela foi responsável pelo que nós entendemos hoje de luta em combate a homofobia”<sup>37</sup>.

Como é possível perceber, Janaína é constantemente lembrada, em especial pela mídia cearense e por ativistas do movimento LGBT. As homenagens a ela também foram registradas em forma de lei. Nesse aspecto, foi criada a Lei Municipal n.º 9548, de 2009, que instituiu a *Semana Janaína Dutra de Promoção do Respeito à Diversidade Sexual* na rede pública de ensino municipal de Fortaleza. A lei objetiva fortalecer o combate à homofobia e a qualquer forma de discriminação, além de promover o respeito à diversidade sexual no âmbito da educação. Com essas intenções, a lei cria uma semana de debates e atividades nas escolas, voltada à abordagem dos temas propostos.

O projeto da referida lei foi de iniciativa do então vereador João Alfredo do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Na declaração abaixo, ele explicou como ocorreu a escolha do nome de Janaína:

*Nós pensamos aqui no ano passado, em criarmos três leis, três projetos de leis, tratando de temas que nós consideramos muito importante para a educação das crianças na nossa cidade de Fortaleza. Na questão do respeito à diversidade sexual, pensamos no nome de Janaína Dutra, pela sua história, pela sua trajetória, pela sua coragem, pelo fato de que fez da defesa da diversidade sexual e do combate a toda forma de preconceito, tá certo, a sua própria razão de viver. Teve inclusive, a sua carteira de advogada, como travesti (ALFREDO em depoimento para ALMEIDA, 2011).*

Para Alfredo, o nome de Janaína para a lei de combate à homofobia nas escolas municipais de Fortaleza é significativo pela sua história, pela coragem e combate ao preconceito enfrentado. Para ele, Janaína fazia da militância sua própria razão de viver, se constituindo como uma imagem forte de enfrentamento ao preconceito e luta pelo respeito à diversidade sexual. Ao fim, ele recorreu ao fato dela ter sido uma travesti que teve uma carteira da OAB, repetindo esse marcador da experiência de Janaína, que a enaltece como digna de homenagens e reconhecimento.

A Coordenadoria da Diversidade Sexual do Município de Fortaleza, vinculada à Secretaria Municipal de Direitos Humanos, criada em 2005, desenvolve várias ações que,

---

<sup>37</sup> Disponível em: <http://festivaldasjuventudes.blogspot.com/2010/06/janaina-dutra-e-dandara-representacoes.html>. Acesso em: 18 de jan. de 2012.

vez por outra, homenageiam Janaína, a exemplo da criação da *Comenda Janaína Dutra* e do *Centro de Referência LGBT Janaína Dutra*, inaugurado em 17 de fevereiro de 2011.

Parece fazer muito sentido que o Centro de Referência voltado ao público LGBT leve o nome de Janaína Dutra. Além de Janaína ter se tornado um ícone do movimento LGBT do Estado do Ceará, uma figura politicamente representativa na cidade de Fortaleza, o centro é fruto de uma parceria entre a Prefeitura local e o Programa Brasil Sem Homofobia. Aliás, a criação de Centros de Referência se constituiu como uma das ações articuladas do Programa Brasil Sem Homofobia, em parceria com secretarias estaduais e municipais, revelando a trama que percorre as ações desenvolvidas no contexto em que Janaína esteve inserida.

No espaço acadêmico, alguns trabalhos citam ou foram dedicados *in memoriam* a Janaína. Entre eles, a já comentada tese de Vale (2005) que teve Janaína como principal colaboradora na pesquisa. Ao final do trabalho, o antropólogo transcreveu alguns trechos de entrevistas com Janaína e confessou que a publicação de tais conversas não deixava de ter um tom de homenagem. Além disso, ele confessou a intenção futura de realizar uma possível história de vida de Janaína. Vale defendeu a tese depois da morte de Janaína, motivo pelo qual esclareceu que essa homenagem não foi uma expressão de gratidão ou como uma forma de retribuir uma dívida. Para ele, a pertinência da publicação das conversas e do oferecimento *in memoriam* a Janaína foi impulsionado pelo registro daquilo que permanece atual e culturalmente legítimo de uma trajetória individual.

Outro trabalho acadêmico dedicado à memória de Janaína, fazendo com que o nome dela também circulasse no meio acadêmico, foi a dissertação de mestrado de Alexandre Joca, defendida em 2008. Michelle Conde (2004) também se referiu a Janaína em seu trabalho sobre o movimento homossexual brasileiro e o que chama de ampliação do exercício da cidadania. No decorrer do trabalho, ela falou sobre o Seminário Nacional de Políticas e Direitos da Comunidade GLBTT, realizado em 26 de junho de 2003, na cidade de Goiânia (GO). Para ela, uma das intervenções mais significativas quanto às especificidades de travestis e transexuais teria sido a de Janaína, juntamente com a de Marcela Prado e Maitê Schneider.

William Peres (2005), na sua tese de doutorado em Saúde Coletiva sobre histórias de vida de travestis brasileiras militantes, abordou a importância da organização social e política da “comunidade transgênero” no Brasil, seu diálogo com órgãos governamentais e demais setores da sociedade civil, de modo a favorecer o surgimento de novas políticas

públicas. Sobre o processo de estigmatização a que travestis estão sujeitas e da violência daí recorrente, citou o trabalho então realizado por Janaína no GRAB, através da coordenação do Projeto *Travestis: educando e prevenindo* (2000).

Luciene Santos (2008), em sua dissertação, abordou questões de gênero e homofobia no processo de formação na área da educação física. Usou o nome Janaína Dutra como ferramenta metodológica para preservar a identidade dos sujeitos que participam da sua pesquisa. A escolha pelo nome de Janaína se deu, segundo ela, devido à inspiração em personalidades brasileiras que tiveram notoriedade junto ao movimento LGBT. O nome dela figurava entre outras personalidades, como Caio Fernando Abreu, Cazusa, João Silvério Trevisan, Edson Neris, Luiz Mott, Renato Russo, Miriam Martinho, Cássia Eller, Kátia Tapeti e Marta Suplicy. Esse uso do nome de Janaína é interessante na medida em que nos oferece uma ideia de como sua imagem é representada e equiparada a de outras pessoas simbolicamente marcantes no tocante a questões LGBT.

Elias Veras (2011), em trabalho sobre as experiências das travestis em Fortaleza nas últimas décadas do século XX, remete-se à história de vida de Janaína e outras travestis do Estado, relacionando essas vivências com as lutas coletivas de enfrentamentos ao poder instituído, questionando e reivindicando outros modos de convivência social. Quando realizado o trabalho, Janaína já estava morta há seis anos, mas sua memória foi retomada a partir da importância que o autor atribuiu à sua atuação no movimento LGBT nacional. Desta maneira, o autor se refere a ela como uma das principais militantes do movimento homossexual/travesti cearense. Para ele, a trajetória de Janaína está ligada à história da luta contra a aids e da luta pelos direitos das travestis no Brasil.

Um boletim da ABIA (RIOS, 2004) também teve uma dedicação *in memoriam* a Janaína. Além disso, o material conta com um artigo escrito por ela, *Desconstruindo as sexualidades*, uma das poucas publicações da própria Janaína.

Na esfera artística, um poeta baiano, Alex Simões, publicou uma poesia em homenagem a Janaína, em 2013, intitulada *Questão de gênero*<sup>38</sup>, com os seguintes versos:

*Há uma mulher em mim, essencial,  
Que me faz escutar outras mulheres,  
Que me faz respeitar essas mulheres,  
Embora delas seja desigual.  
E não se trata apenas de ter pau.*

---

<sup>38</sup> Disponível em: <http://toobitornottoobit.blogspot.fr/2013/01/questao-de-genero.html>. Consulta feita em 04.10.2013.



*Retirá-lo seria uma intempérie,  
Pois meu sexo não dói e não me fere:  
Sou de outra ordem de transexual.  
Eu posso ser tratado em masculino  
Ou feminino, isso tanto faz,  
Só não espere de mim um par de peitos,  
Os dela são bem lisos, de rapaz.  
E apesar de nem sempre falar fino,  
Essa mulher, como outras, quer respeito.*

Ainda sobre as homenagens e usos da imagem de Janaína como um ícone do movimento LGBT e a constituição dela como uma grande ativista do movimento de travestis e transexuais, encontrei no blog ativista transfeminista, chamado *Transfeminismo*, uma foto de Janaína no layout da página, entre a ativista Laerte e a teórica queer Beatriz Preciado, demonstrando que Janaína é, ainda hoje, resgatada como uma referência do movimento, que ganha novas roupagens e discussões.

### **“Um ser pra lá de humano”**

Em um jogo de lembranças e esquecimentos, além das homenagens póstumas e de algumas rememorações feitas ao longo desses últimos anos, houve uma proliferação de discursos sobre Janaína por ocasião das gravações e lançamento do documentário *Janaína Dutra, Uma Dama de Ferro* (2011), a ser analisado detalhadamente no capítulo 4. Nesse contexto, grande parte dos elementos que já tinham aparecido nas narrativas anteriores é retomada, repetida e fortalecida. Na sinopse do documentário aparece uma síntese desses elementos, são basicamente eles que nortearam outras falas construídas sobre Janaína nesse momento:

Um ser para lá de humano. Cheio de luz e beleza. Divinizado e profano... “Em fevereiro de 2004 falecia em Fortaleza, aos 43 anos de idade, a advogada Janaína Dutra Sampaio. O movimento da diversidade sexual brasileiro perdia uma de suas ativistas mais importantes, instalando-se um grande vazio. Entre muitas atividades em que esteve envolvida ao longo de sua vida, Janaína colaborou com o Ministério da Saúde na elaboração da primeira campanha de prevenção do HIV/AIDS entre travestis. Este filme conta a história de vida e luta política de Janaína Dutra. Amigos, amigas e familiares relembram fatos e momentos da vida de alguém que, com muita coragem e sabedoria, soube mobilizar a resistência e a luta das travestis por seus direitos humanos”.

É bastante significativo que a data da morte inicie essa fala. Ela objetiva uma existência, marca uma “pessoa real” e delimita o início de uma narrativa: é o resgate de alguém que deixou de existir, mas que deve ser lembrada, tamanha a importância dos

seus feitos. A morte da advogada ativista e o vazio deixado no movimento pela diversidade sexual brasileiro (notar a diferença com os textos do Mott e do GRAB que falaram em movimento homossexual, demarcando outro momento e outras discussões) aparecem como algo que não foi superado, um lugar que ainda não foi preenchido, dando, assim, continuidade àqueles discursos de 2004.

É como um ser espiritualizado, excepcional, divino, iluminado, belo, mas também profano, revelando suas atitudes humanas, que a imagem de Janaína será retomada nas narrativas desse contexto. Na sinopse do documentário ela aparece como a advogada e uma importante ativista do movimento da diversidade sexual brasileiro. O pioneirismo surge vinculado à elaboração da primeira campanha do Governo Federal direcionada às travestis no Brasil, a Campanha Travesti e Respeito.

O escritor Roberto Muniz Dias dedicou algumas linhas a Janaína e ao referido documentário, interessantes para perceber como foi a recepção do material. Destaco:

Janaína segurou o troféu com orgulho de ser a primeira travesti com registro na OAB e na atuação até altruísta como advogada – perdoem-me o português machista, vou usar o gênero feminino – e lutadora pela causa das travestis. Uma espécie de Messias de cajado ao doutrinar seu povo, o Outro. O conhecimento como libertação. A porta pela qual ela se travestia de orgulho, de onde podia entrar e sair como cidadã, sem ter que se prostituir, sabendo ser esta, a prostituição, a porta escolhida por muitos outros. Sua luta encampou não somente a luta pela questão do travesti, mas pelos direitos humanos sendo vítima e protagonista de sua própria ideologia. (...) A pressa em vestir o vestido trouxe a ligeireza no pensamento, e a cobrança do ticket de passagem. (...) Talvez seu letramento a libertasse e a aprisionasse, mas o fato de ser o que era, mais libertou a nós do que a tornou cativa (Roberto Muniz Dias)<sup>39</sup>.

A imagem de Janaína como redentora é forte nessa narrativa. Para o autor, foi por meio do conhecimento que ela pôde exercer todo seu altruísmo a favor de uma transformação social. Reforçando uma aura mística e religiosa, talvez vinculada à ideia construída da sua cidade de origem, Janaína é um “Messias de cajado” que doutrina seu povo. Como se possuísse uma aura, Janaína era diferente, era cidadã, não se prostituía, mas ajudava aquelas que assim faziam. Seu compromisso não era apenas com as travestis, mas com a humanidade, ela lutava por direitos humanos. Cumprir essa missão teve um preço alto para Janaína, a brevidade da sua vida, mas que conferira libertação aos demais.

---

<sup>39</sup> Disponível em: <http://cineclose.gay1.com.br/2011/11/janaina-dutra-uma-dama-de-ferro.html>. Acesso em: 20 de out. de 2011.

Também inspirada no documentário, a socióloga Cristina Câmara escreveu um texto<sup>40</sup> ressaltando a importância de tornar pública a história de Janaína, retratada como uma “beleza agreste, ao mesmo tempo rigorosa e simples”. Ela assinalou que o filme ganha relevância na medida em que relaciona a trajetória de ativismo de Janaína, já bastante conhecida, com a trajetória de vida a partir dos relatos de familiares e amigos, sem dissociar uma esfera da outra. Janaína foi retratada pela socióloga como uma pessoa com capacidade de articulação, lutadora por direitos humanos, pela defesa de pessoas soropositivas e pela militância junto às travestis. Entretanto, o que mais teve relevo no artigo foi a ênfase dada à simplicidade da família de Janaína e da cidade de origem, de tradição católica, levando em consideração o respeito às diferenças. Janaína teria sido respeitada por todos, teria tido êxito nos seus projetos, não teria sido prostituta, características atribuídas ao apoio familiar, em especial de sua mãe, descrita por dois adjetivos: dignidade e lucidez.

Rita Colaço, jornalista que escreve sobre a história do movimento LGBT brasileiro, redigiu alguns textos sobre Janaína, fazendo referência a ela como uma personagem importantíssima na luta em defesa dos direitos de travestis e transexuais no Brasil, “aquela que foi a militante travesti que colocou o seu saber profissional de advogada à serviço da luta pelos Direitos Humanos de pessoas que, por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero, (ainda) são alvo de processos de desqualificação e estigmatização intensos e violentos”. Em 07 de fevereiro de 2012 ela escreveu um texto intitulado *Janaína Dutra e sua Família maravilhosa*<sup>41</sup>, destacando que a família de Janaína, embora simples e do interior o Brasil, “foi capaz de ter a sabedoria afetiva de não lhe negar o amor e a pertença”. Assim como no texto de Câmara citado acima, a dignidade é uma característica que aparece para descrever Janaína e sua família, bem como a ética, a solidariedade, o amor e a fraternidade, valores estes relacionados ao cristianismo. Colaço, por fim, parabeniza a família de Janaína “tão saudável e cristã!”.

O documentário passou a ser exibido em seminários acadêmicos, encontros do movimento social e em conferências institucionais referentes à temática LGBT. O antropólogo Felipe Fernandes (2013) falou da sua exibição na I Conferência Municipal

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://memoriamhb.blogspot.fr/2011/10/janaina-dutra-uma-dama-de-ferro.html>. Acesso em: 10 de out. de 2012.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://memoriamhb.blogspot.com/2012/02/janaina-dutra-e-sua-familia-maravilhosa.html>. Acesso em: 10 de fev. de 2012.

LGBTTT de Florianópolis, em 2012, onde aconteceu a *Mostra Audiovisual Homossexualidades, Racismo, Educação e Violências: a obra de Vagner de Almeida*. O autor chama atenção para o filme biográfico sobre a vida de Janaína, a quem se referiu da seguinte forma:

(...) uma ativista e a primeira advogada travesti do Brasil, morta em 2004, cuja persona é muito respeitada no movimento LGBTTT nacional, uma vez que Janaína foi responsável pelo desenho da primeira política pública federal de defesa dos direitos humanos de travestis, além de ter sido autora do modelo das leis antidiscriminação (hoje, aprovadas em várias cidades brasileiras) (FERNANDES, 2013, p. 489).

As narrativas sobre Janaína contidas nos materiais analisados ao longo deste texto articulam oposições de gênero muito marcadas em nossa sociedade, compostas por características atribuídas à masculinidade e à feminilidade que, ora se complementam, ora se opõem. Janaína distorceu muitas regras da heteronormatividade, mas, em contrapartida, teve que corresponder a outras como uma maneira de ser aceitável, respeitável, admirável. Ela unia elementos vinculados à dicotomia de gênero legítima, adequando-se ao jogo traçado e exigido a uma “respeitável militante”, para usar a expressão de Carvalho (2011). Da mesma forma, as pessoas que falam sobre ela, prestando homenagens e ressaltando sua importância, recorrem a tais características enquadrando-a em uma referência de dignidade, longe de estigmas vinculados à travestilidade. A imagem de Janaína condensa uma concepção de excepcionalidade que reforça a ideia do ícone.

De forma sintética, esses são os adjetivos e expressões encontrados para descrever Janaína, principalmente depois da sua morte:

*Ícone, exemplo, pioneira, respeitável, digna, homossexual, travesti, altruísta, dinâmica, bem quista, lutadora, defensora, libertadora, inspiradora, um ser para lá de humano, cheia de luz e beleza, divinizada, profana, grande, religiosa, criatura iluminada, estudiosa, intelectual, inteligente, ágil ao pensar, saudosa, heroína, protagonista, leve, guerreira, justa, corajosa, forte, determinada, feita de ferro e flor, doce, dura, meiga, messias de cajado, cidadã, vítima e protagonista da sua ideologia, articulada, honrada, leal, capaz, afetiva, combativa, anjo cativante, especial, amante da poesia, militante, importante ativista, generosa, ativa, maravilhosa, cheia de cor e alegria, elegante, ética, transparente, referência, importante, fina, amiga, companheira, musa de muito valor, guerreira, diva, nordestina, defensora de direitos, franca, estrela, rainha, reconhecida, sábia, combativa, ridícula e porta voz da esperança, da beleza e da vida.*

Dessas características, apenas uma é negativa, “ridícula”, lançada por uma militante do Ceará, então colega de trabalho, em função de uma atitude de Janaína interpretada como centralizadora. Dessas narrativas, muitas são moralizadoras no que diz respeito ao que é considerado dignidade, respeito e comportamento adequado e exemplar. Essas

características aparecem em oposição à prostituição, à abjeção, à estigmatização. O *exemplo* que Janaína deixa condensa a imagem de uma travesti digna, aquela que superou obstáculos, apoiada pela família, beneficiada pelos valores cristãos de tolerância. É perceptível que os ingredientes que fazem a “diferença” de Janaína são seu pioneirismo na advocacia, o apoio familiar, os valores cristãos, o afastamento da prostituição, o combate na militância, a intelectualidade, o conhecimento, somados a todas essas características citadas acima, possibilitando-a traçar um percurso singular, inovador na experiência da travestilidade. Janaína, advogada, digna, inteligente e respeitável, pode se manter livre da condenação à prostituição e abjeção completa. O paradigma que forma uma pessoa exemplar elenca seus valores e regras. É necessário seguir as referências normativas, corresponder ao que se espera em termos valorativos.

Não posso deixar de frisar que esses discursos dependem de quem fala, do lugar da fala, do momento de emissão do discurso e da finalidade. São pessoas ligadas ao movimento LGBT, a órgãos públicos, principalmente vinculados ao atendimento de demandas da população LGBT, amigos e colegas de trabalho de Janaína<sup>42</sup>. Culminando na produção fílmica sobre sua biografia, especialmente nos versos do cordel de Salete Maria, as qualidades cativantes e excepcionais de Janaína são destacadas ao ponto dela se tornar uma divindade, a ser tida com um messias, envolta de uma áurea redentora.

A partir dessas narrativas, percebo como uma vida pode traçar sua continuidade depois da morte. Assistimos a uma intensa existência póstuma que opera no processo de cristalização de heróis constitutivos de identidades de grupos. Janaína é uma figura de proa do movimento LGBT, especialmente do movimento brasileiro de travestis, para tanto, precisou passar por um processo de construção mítica, intensificado após sua morte. Encarnação do “sucesso”, a figura de Janaína contribui para cimentar a força política dos grupos dos quais fez parte. Janaína passa a personificar um comportamento ideal a ser seguido pelas demais travestis. Essas atitudes são comuns quando se trata de personagens que podem atribuir positividade a um grupo estigmatizado, nos quais os usos icônicos são absolutamente essenciais. A esse serviço, a imagem de Janaína permanece presa aos processos de objetivação, servindo-se de tipificações que tornam uma cronologia coerente

---

<sup>42</sup> Algumas homenagens foram retiradas de blogs Diários abertos mantidos na rede mundial de computadores, estruturados como sites que permitem ampla visualização, publicidade e atualização instantânea a partir de *posts*, aqui tomadas como discursos produtores de representações, como tecnologias do gênero (LAURETIS, 2007).

aos seus atos. Os marcos descritivos da vida de Janaína são repetidos e circulam em torno dos mesmos temas, de forma a atestar que ela foi uma travesti diferenciada, excepcional, digna, compondo um discurso eficaz que constrói a sua imagem pública.

## **BIBLIOGRAFIA:**

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Mario F. de L. **Que mulher é essa?** Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2011.

CONDE, Michele Cunha Franco. **O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2004.

FERNANDES, F. Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. In: **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 485-492, jul/set 2013

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Herculine Barbin**: O diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Historia da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. Lacan, o “Liberatore” da psicanálise. In: **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade sexual na escola**: um problema posto à mesa. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LARISSA, Pelúcio. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERES, William S. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RIOS, Luís Felipe, ALMEIDA, Vagner de, PARKER, Richard, PIMENTA, Cristina e TERTO, Jr. (Org.) **Homossexualidade**: Produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

SANTOS, Luciene. **Corpo, gênero e sexualidade**: educar meninas e meninos para além da homofobia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008.

SCOTT, Joan. Experiência. In: **Falas de Gênero**. Organização de Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos. Editora Mulheres, Santa Catarina, 1999.

VALE, Alexandre F. C. **O Vôo da Beleza**: travestilidade e devir minoritário. Tese de Doutorado em Sociologia, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005

VERAS, Elias Ferreira. **Além do paetê**: experiências das travestis em Fortaleza nas três últimas décadas do século XX. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.